"UMA ESPINETA PINTADA DE VERDE": INSTRUMENTOS MUSICAIS E O CONTRIBUTO DOS INVENTÁRIOS *POST MORTEM* PARA O ESTUDO DA LEXICOGRAFIA E ICONOGRAFIA EM PORTUGAL (SÉCULOS XVIII E XIX)

"UMA ESPINETA PINTADA DE VERDE": MUSICAL INSTRUMENTS, AND THE CONTRIBUTION OF *POST MORTEM* INVENTORIES TO THE STUDY OF LEXICON AND ICONOGRAPHY IN PORTUGAL (18TH AND 19TH CENTURIES)

Sónia Duarte

ARTIS – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Grupo de Teoria Crítica e Comunicação, CESEM/NOVA
soniaduarte@fcsh.unl.pt
ORCID: 0000-0002-1192-153X

DOI: 10.37935/iha.oan2025.011

RESUMO

Este artigo analisa o léxico musical em uso em Portugal entre 1764 e 1832, fundamentando-se num *corpus* de fontes primárias arquivísticas, com particular enfoque nos inventários *post mortem*. A investigação adota uma metodologia transdisciplinar que cruza a terminologia técnica de instrumentos – exemplificada pela descrição de espinetas e outros cordofones de teclado – com a iconografia musical e os contextos culturais que se estendem do Barroco aos alvores do Romantismo. Ao dissecar fontes documentais frequentemente silenciadas, o estudo estabelece uma correlação direta entre o registo administrativo e a representação pictórica da época. O trabalho contribui para a História da Arte, o Colecionismo, a Museologia e a Musicologia ao sistematizar dados de uma vasta base de dados iconográfica, oferecendo novas ferramentas interpretativas para a compreensão da cultura visual e material, bem como para a correta identificação de objetos musicais em contextos artísticos.

PALAVRAS-CHAVE

Iconografia musical | **Inventário** | **Léxico** | **Pintura** | **Séculos XVIII e XIX**

ABSTRACT

This article examines the musical lexicon used in Portugal between 1764 and 1832, drawing on a *corpus* of primary archival sources, with a particular focus on *post-mortem* inventories. The research employs a transdisciplinary methodology that integrates technical instrument terminology – exemplified by descriptions of spinets and other keyboard chordophones – with musical iconography and the cultural contexts spanning from the Baroque to the dawn of Romanticism. By analyzing documentary sources often overlooked by traditional scholarship, the study establishes a direct correlation between administrative records and the pictorial representations of the period. This work contributes to the fields of Art History, Collecting, Museology, and Musicology by systematizing data from an extensive iconographic database, providing new interpretive tools for understanding visual and material culture, as well as ensuring the accurate identification of musical objects within artistic contexts.

KEYWORDS

Musical iconography | **Inventory** | **Lexicon** | **Painting** | **18th and 19th centuries**

1. Tradução livre: [a] spinet painted green with six feet of the same color, valued at 19$200 réis (that is, the unit of currency of Portugal from around 1430 until 1911).

PRELÚDIO

Um dos cordofones de teclado elencados nas fontes primárias portuguesas de arquivo relativas ao século XVIII é, como pude cotejar, a ***espineta***, também designada no vernacular por ***espinheta***, que coloco em diálogo com o *corpus* da investigação: a pintura em Portugal, com incidência na música, na dança e no teatro (Duarte, 2024a). Entre os motivos musicais pintados sobre madeira, tela, sarja, cobre, papel e parede levantados *in situ*, encontram-se dezenas de representações no feminino, entre elas, a de Santa Cecília. Neste tema hagiográfico, Cecília aparece a cantar, a digitar um órgão — ora portativo, ora positivo —, um clavicórdio, um cravo ou uma harpa (Duarte, 2022b, 2024a). Para além disso, em temas áulicos e profanos aparecem ao longo das centúrias variegados cripto-retratos femininos copiados, quase sempre de fontes gravadas, que animam serões, agrupam-se em *boudoirs* ou mesclam-se com cenas de frondosa e abundante vegetação, subentendendo-se a fertilidade e o contrato de matrimónio (Gétreau, 2017; Gómez, 2018; Duarte, 2018, 2024b). É o que acontece com a iconografia debuxada numa caixa de órgão da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Monforte, distrito de Portalegre [fig.01,02].



Fig. 01· Órgão (com retrato alegórico de D. Mariana Vitória de Bourbon?), século XVIII, ignoto autor; óleo sobre madeira; Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Monforte (fotografia de Rui Sousa, 2017).



Fig. 02· Retrato alegórico de D. José I (?) (pormenor pintado na caixa de órgão), século XVIII, ignoto autor; óleo sobre madeira; Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Monforte (fotografia da autora, 2017).



Fig. 03· Retrato alegórico de D. Mariana Vitória de Bourbon (pormenor pintado na caixa de órgão), século XVIII, ignoto autor; óleo sobre madeira; Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Monforte (fotografia da autora, 2017).



Fig. 04· Mademoiselle de Ménétou, *ca.* 1695, Trouvain; gravura; colecção privada (Fonte: cortesia da Christie's).



Fig. 05· Alegoria ao amor, *ca.* 1695, Nicolas I Bonnart; gravura; Paris, Bibliothèque nationale de France (Fonte: cortesia da BnF).



Fig. 06· Fille de qualité jouant du clavessin, ca. 1690, Nicolas I Bonnart a partir de um original de Robert Bonnart; gravura; Paris, Bibliothèque nationale de France (Fonte: cortesia da BnF).

A figura feminina de Monforte é citada de várias gravuras [fig.05,06]. Sem carácter de exaustividade, da oficina francesa dos Trouvain aos Bonnart. No primeiro caso, trata-se da 'vera effigies' de Françoise-Charlotte Ménétou, compositora e instrumentista da corte de Luís XIV. Senta-se diante numa cadeira de espaldar alto (tal como em Monforte) e olha para nós enquanto digita o teclado de um cordofone fantasiado (com um teclado oblíquo ou estando ausente o tampo harmónico), como que orgulhosa do seu *métier*. A gravura é de Antoine Trouvain (1652-1708), que se celebrizou com a série de seis iconografias que documentam as "Soirées d'Appartement" (divertimentos da corte)[2] onde figura o tipo de traje nobre disposto em *serpentinato* e repetido em Monforte [fig.02,07]. Note-se, ainda, que a moda (o *coiffe fontange*[3], jóias e brocados), o gesto e a postura da mulher repetem-se em todos os casos, mas em finais do século XVII o penteado anacrónico em causa era já merecedor de escárnio na corte francesa (Sterret, 2017). No caso português, o painel de ignota mão mostra, ainda, uma nuvem de fumos subentendendo-se a presença divina ou conferindo-lhe um carácter piedoso.

No lado oposto, pode ver-se a representação de um rei. Posso aventar que se trata da representação de D. José I, com rigor de traje? Por entre o meão da representação de arquitectura simbólica e uma coluna partida, o rei ostenta uma coroa e um crucifixo de lançar ao peito, segura um ceptro e na cor das vestimentas predomina o carmesim. Qual a relação do monarca com Monforte? Entre outras relações, sabe-se que D. João V pernoitou na casa de D. Martinho de Mascarenhas, o quinto conde de Santa Cruz e mordomo-mor de D. Pedro II, na noite de 30 de Outubro de 1716 no âmbito da peregrinação ao santuário de Nossa Senhora da Vila, em Terena. D. José I teria pouco mais de dois anos e o órgão é posterior. O painel superior apresenta, em primeiro plano, um ribeiro com aves; e num plano fundeiro, mais elementos arquitectónicos (incluindo uma torre sineira). No painel superior à imagem feminina já referida, figuram elementos vegetalistas e arquitectónicos condizentes. Veja-se, agora, a associação de cravos, órgãos, pianofortes e outros instrumentos musicais a algumas personagens de Lisboa, nos seus inventários *post mortem*.

2. Realizadas entre 1694 e 1696.
3. Nome dado ao penteado elevado, com recurso a linho, arame, rendas, paliçada e outros acessórios.



Fig. 07· Quatrieme chambre des Apartemens, 1696, Antoine Trouvain; Bibliothèque nationale de France (Fonte: cortesia da BnF).

TRÊS INVENTÁRIOS *POST MORTEM* PARA OS ESTUDOS DA ICONOGRAFIA E DA TERMINOLOGIA MUSICAL EM PORTUGAL

Dando continuidade aos estudos da iconografia musical nas centúrias seguintes com foco na retratística musical, pude elencar nos inventários *post mortem* várias referências a "**cravo de martelinhos**", "**espineta**", "**espinheta**", "**bandeirolas para estantes de música**", "**rabeca**", "**rabecão**", "**guitarra**", "**caixa com guitarra**", entre outros exemplos em usos coetâneos ou, nalguns casos, anacrónicos[4]. Alguns inventários *post mortem* são mais detalhados e têm contribuído para a identificação de retratos de músicos, de dançadores e de gente do teatro, projecto que presentemente levo a cabo em âmbito pós-doutoral que não cabe agora explanar.

4. *Vide*, por exemplo, DUARTE, Sónia — "Portraits of male and female musicians in Portuguese paintings from the 18th and 19th centuries". AA. VV. — *Current Research in Systematic Musicology. Perspectives on Sound and Musicology*. Springer Editions, 2021, pp. 61-90; DUARTE, Sónia — "Portraits of female musicians from the mid-16th and 17th centuries, in Europe". Comunicação nas *IV Jornadas Arte, Poder y Género*. Murcia, Universidad de Murcia, 9 de Abril 2021; DUARTE, Sónia — "Portraits of male and female musicians in Portuguese paintings from the 20th century: the case of Carlos Botelho (1899-1982)». Comunicação no *JOCEP — Internacional Congress on Contemporary European Painting*. Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, 22 a 24 de Junho de 2022.

Francisco de Abreu Couceiro, cavaleiro da Ordem de Cristo e desembargador da Relação do Porto, falecido em 15 de Janeiro de 1758 possuía uma "**flauta de pau-preto avaliada em mil e duzentos reis**"[5]. Já o Doutor Francisco Sales Ribeiro, natural da Vila de Ourém, mas residente no Brasil, ouvidor-geral e corregedor da comarca do Espírito Santo, casado com D. Helena Micaela Caetana, possuía, à data da sua morte em 1767, uma "**rabeca**"[6]. O cardeal patriarca de Lisboa, D. Fernando de Sousa e Silva, tinha na sua posse, no ano da sua morte em 1786, um "**manicórdio**"[7]. Ou Damásio Pereira, residente em Lisboa, casado com D. Maria Bárbara de Abreu, falecido a 26 de Janeiro 1795 e deixando dois filhos menores, possuía entre peças de ouro e prata, fivelas, pinturas, incluindo retratos, relógios, um toucador, uma "**guitarra em bom uso que foi avaliada em seis mil e quatrocentos reis** [...]"[8] e "**um cravo de martelos de quatro oitavas** [...] **avaliado em trinta e oito mil reis**"[9].

Já nos primeiros anos da centúria seguinte podia ver-se que Francisco José da Fonseca, filho de Frutuoso Pires da Fonseca e de D. Inês Josefa de Barros, casado com D. Francisca Paula Madalena da Cunha, falecido em 10 de Setembro de 1803 e morador na Calçado do Sacramento, freguesia de São Pedro de Alcântara, possuía vários "**manicórdios**", um "**órgão**" e um "**piano**"[10]. Ou que Francisco José Rodrigues, residente na Rua Áurea, freguesia de Nossa Senhora da Conceição, em Lisboa, e falecido em 1809, possuía "**uma guitarra**"[11]. Ainda que outros, exercendo o ofício de mestre de violeiro, como Domingos José da Rocha, constando no seu inventário de bens *post mortem* datado de 1807 um conjunto de ferramentas e instrumentos derivados do *métier*, entre goivas, limas, cutelos, madeiras de vinhateiro ou casquinhas, como: "**três violas** de bocadinhos, **duas guitarras** [...] trinta e um moldes sortidos, seis serras, três pequenas e três grandes, quatro ferros de moldar [...], cinco latas de corda [...] três arcos de rebeca"[12].

O inventário de bens do patriarca António Xavier de Miranda Henriques, indica a existência de "**um órgão**", em 1815 ano do seu falecimento[13]. Já no elenco de bens do desembargador Francisco Xavier Ribeiro dos Santos, residente na Quinta do Alto, na estrada da Charneca, freguesia de São Bartolomeu da Charneca, termo de Lisboa, casado com D. Ana Rita do Monte do Carmo[14] e falecido no ano 1816, algum mobiliário com iconografia musical traduzido numa minuciosa "banca de jogos com seus **instrumentos de música** embutidos"[15] ou um "**piano forte de cinco oitavas com teclado em marfim e caixa em mogno**"[16]. Também Francisco José Gonçalves, que havia sido morador na Rua Direita do Salitre, em Lisboa, deixando viúva a 19 de Julho de 1818 D. Germana Teresa Rita de Almeida Gonçalves, possuía um "**órgão de mão**"[17]. O inventário do cavaleiro fidalgo professo na Ordem de São Tiago da Espada e escrivão da Mesa dos Vinhos, Francisco de Assis de Figueiredo e Abreu, casado com D. Maria Dufourcq de Assis de Figueiredo e Abreu[18], e falecido em 1823, possuía uma "**viola-lira**", "**pautas de música**", "duetos concertantes", "óperas", "valsas", não sendo de admirar a ligação familiar a outros músicos documentados a residir na cidade de Lisboa[19].

5. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Inventário dos bens de Francisco de Abreu Couceiro, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 80, n.º 5, 1758, fl. 42v.
6. ANTT, Inventário dos bens do Doutor Francisco Sales Ribeiro, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 33, n.º 8, 1767, 76r.
7. ANTT, Inventário dos bens de D. Fernando de Sousa e Silva, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 83, n.º 5, 1786, 71r.
8. ANTT, Inventário dos bens de Damásio Pereira, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra D, mç. 68, nº 5, 1795, fl. 28r.
9. ANTT, Inventário dos bens de Damásio Pereira, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra D, mç. 68, nº 5, 1795, fl. 28r.
10. ANTT, Inventário dos bens de Francisco José da Fonseca, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 52, n.º 8, 1803.
11. ANTT, Inventário dos bens de Francisco José Rodrigues, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 38, n.º 2, 1809.
12. ANTT, Inventário de bens de Domingos José da Rocha, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra D, mç. 82, n.º 8, 1807, fl. 3v e 3r. Residia na Rua do Merca-Tudo, em Lisboa, como consta no mesmo documento.
13. ANTT, Inventário dos bens de António Xavier de Miranda Henriques, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra A, mç. 151, n.º 7, cx. 241, 1815.
14. Nalguma documentação aparece ainda com o seguinte nome: Ana Rita do Monte do Carmo Ribeiro. Tiveram quatro descendentes: D. Carlota Doroteia Justiniana Ribeiro dos Santos, D. Matilde Ribeiro dos Santos; D. Juliana Augusta Ribeiro dos Santos; António Xavier Ribeiro dos Santos.
15. ANTT, Inventário dos bens de Francisco Xavier Ribeiro dos Santos, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 44, n.º 5, 1816, fl. 13r. São várias as notícias e avisos que focalizam a venda deste tipo de instrumentos. *Vide*, por exemplo, *Gazeta de Lisboa*, nº 143, 20 de Junho de 1815, dando conta que na Rua Nova de S. Mamede, perto do largo dos Caldas, nº 95, todos os dias das dez horas da manhã até ao meio dia se vendem pianos fortes dos melhores autores de Londres, Astor,e Clementi. Ou, no mesmo ano, dando conta de que quem quiser comprar piano fortes de seis oitavas de Clementi, se podia dirigir à Rua dos Fanqueiros, nº 64, segundo andar.
16. Idem.
17. ANTT, Inventário dos bens de Francisco José Gonçalves, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra V-Z-3.0, mç. 664, 1818, fl. 14v.
18. Familiar de Cesario Dufourcq que integrara a orquestra de amadores de Domingos Bomtempo.
19. ANTT, Inventário de bens Francisco de Assis de Figueiredo e Abreu, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 28, 1823.

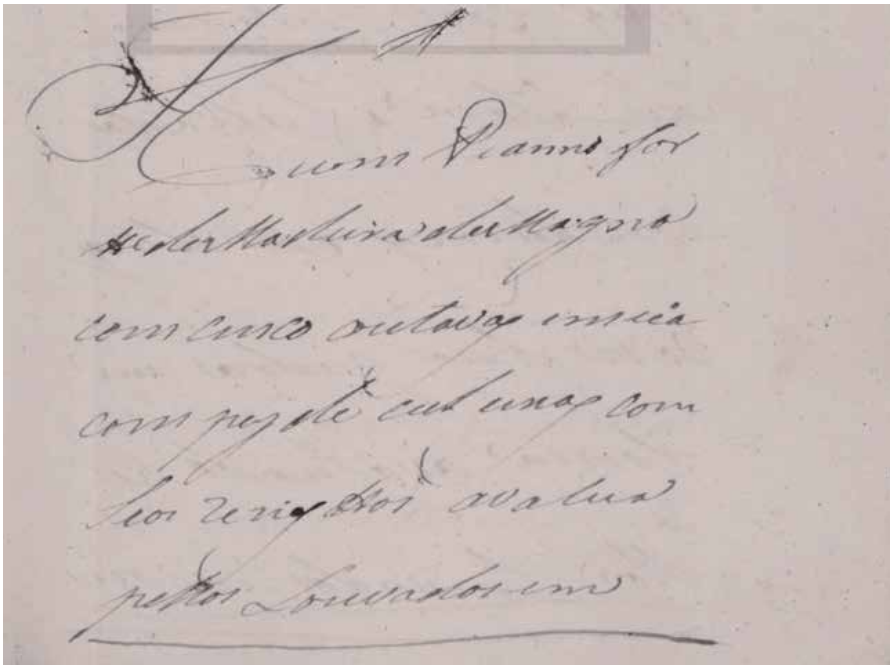


Fig. 08· Excerto de ANTT, "Inventário dos bens de Francisco José do Canto Castro Mascarenhas", in *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 43, n.º 14, fl. 9v.

Já Félix José António Viana, que pereceu em 1824, uma "**caixa com guitarra**"[20], nada se sabendo sobre a feitura do cordofone dedilhado. No inventário de bens do vice-almirante Francisco José do Canto Castro Mascarenhas, residente em Sítio do Lumiar, freguesia da Ameixoeira, termo de Lisboa, casado com D. Carlota Joaquina Mascarenhas Valdez e Canto[21], falecido a 26 de Outubro de 1826, consta que possuía um "**piano "forte" em mogno**"[22] no valor de 144$000, podendo ler-se o seguinte: "Um piano forte de madeira de mogno com cinco oitavas e meia [...] avaliado em cento e quarenta e quatro mil reis [...]"[23].

Já no inventário de bens de Joaquim Pedro Ginioux Júnior, proprietário do navio "Triunfo da Inveja" fazendo comércio de algodão e arroz proveniente do Maranhão, falecido em 1827, e familiar do impressor e livreiro Pedro Ginioux, elenca-se "**um piano**"[24]. O deputado da Junta do Comércio e morador em Lisboa, em tempos acusado de heresia, Francisco Soares de Araújo e Silva, possuía um "**piano forte**"[25]. D. Firmina Rosa da Silva Anjos que havia sido casada com António Lopes dos Anjos Júnior, falecia nos primeiros dias de 1828, sendo elencado no seu inventário de bens:

> "um **forte piano de seis oitavas inglês com caixa de madeira de mogno com guarnições de latão guarnecido de embutidos e com quatro pés torneados** [...] **de gosto bom muito moderno** que foi bem visto e examinado e foi avaliado atendendo ao tempo presente na quantia de trezentos mil reis pois noutro tempo foi muito mais elevado na quantia"[26].

20. ANTT, Inventário dos bens de Félix José António Viana, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 31, n.º 5, 1824, fl, 13r.
21. Natural do Pombal e açafata da Rainha D. Maria I, viveu na Quinta das Nogueiras. Um relato dá-nos conta que Sebastião do Canto e Castro de Mascarenhas, que viria a ser o 3.º Director geral dos Telégrafos, na década de sessenta do século XIX nascera a bordo de uma viagem Brasil-Lisboa, mais precisamente no dia 10 de julho de 1821.
22. ANTT, Inventário dos bens de Francisco José do Canto Castro Mascarenhas, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 43, n.º 14, 1826, fl. 9v e 9r.
23. Idem.
24. ANTT, Inventário dos bens de Joaquim Pedro Ginioux Júnior, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra J, mç. 46, n.º 20, 1827, fl. 10r.
25. ANTT, Inventário dos bens de Francisco Soares de Araújo e Silva, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 48, n.º 4. Vide, também, *Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa*, processo 13543.
26. ANTT, Inventário dos bens de D. Firmina Rosa da Silva Anjos, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 4, n.º 8, fl. 79r e 80v. Não faltam exemplos nas colecções portuguesas que podiam encaixar neste perfil. Vejam-se os pianofortes do Palácio Nacional da Pena, Palácio Nacional de Queluz, Museu Nacional da Música (como, por exemplo: PNP2016).



Fig. 09· Assinatura de George Pitschel, Fabricante de Piano Fortes e Fortes Piano in ANTT, "Requerimento de Jorge Pitschel, fabricante de pianos fortes, solicitando licença para estabelecer uma fábrica de pianos fortes e fortes pianos", Ministério do Reino, mç. 785, proc. 7, 1822, f. 1r e 3r.

Interessante é, também, a indicação do inventariante (o cônjuge), que pede ao avaliador de pianos José da Cruz Antunes[27] para dar o seu parecer relativamente ao cordofone de teclado.

Mais tardio é o inventário de bens de Vicente Ferreira que à data da sua morte, em 1832, possuía um "**piano forte inglês**"[28], e tendo como coevos alguns fabricantes de relevo na cidade como George Pitschel, residente na Rua do Arco Pequeno, nº 31, primeiro andar, designado "fabricante de piano fortes e fortes piano"[29]. Vejamos, agora, três inventários datados entre 1764 e 1778.

UMA ESPINETA DE DEZ MIL RÉIS NO INVENTÁRIO DE BENS *POST MORTEM* DE D. VICÊNCIA MARIA JOAQUINA, QUE RESIDIA NO LUGAR DO LUMIAR EM 1764

Seguidamente não farei a transcrição integral do documento referente aos bens de Vicência Maria Joaquina, moradora no lugar do Lumiar[30], casada com António José dos Santos, e deixando dois filhos[31], mas destacarei alguns excertos relativos ao léxico musical. D. Vicência Maria Joaquina possuía vários bens em prata, móveis de nogueira, banquinhas pintadas com lavatório, bancas redondas, um oratório em talha dourada com imagem de Nossa Senhora do Rosário, de São Sebastião, Santo António, São Francisco de Borges, São Pedro, vestidos, roupa branca de boa qualidade e "**uma espinheta** *[sic]*"[32]. Sobre a espineta em apreço, quase nada nos é revelado, apenas que a "**espinheta**" fora avaliada na quantia de dez mil reis[33]. Pelo valor reduzido, pode deduzir-se que seria de pequenas dimensões e podia não estar nas melhores condições.

Sobre este assunto é de destacar a existência de vários retratos com o debuxo de cordofones de teclado provenientes da zona geográfica do Lumiar mas já identificados, não se localizando, por ora, o retrato exacto de D. Vicência Maria Joaquina ou o duplo retrato, como era apanágio, com seu cônjuge António José dos Santos (Duarte, 2024b).

30. ANTT, Inventário dos bens de Vicência Maria Joaquina, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra U e V, mç. 4, n.º 2, 1764, fl. 1.
31. Idem, fl. 2r e 19r.
32. Idem, 8r.
33. Idem, 9v.

UMA "ESPINETA PINTADA DE VERDE COM SEIS PÉS DO MESMO, AVALIADA EM 19$200 RÉIS" NO INVENTÁRIO *POST MORTEM* DE JOSÉ FRANCISCO CRUZ ALAGOA, 1769

José Francisco Cruz Alagoa, conselheiro da Fazenda e tesoureiro-mor vivia na Rua da Fábrica da Seda, freguesia de Santa Isabel, Lisboa. Casara com D. Maria Joaquina Pacheco tendo descendência. Possuía entre outros bens à data da sua morte, 1769, treze casas, entre elas uma nos terrenos da antiga quinta do morgado dos Soares da Cotovia[34]. Como se verá, o seu inventário de bens é extenso e rico elencando-se peças em ouro e prata, louças da Índia, instrumentos musicais, mobiliário distinto e de bons materiais, e um manancial de iconografia sacra nos mais diversos suportes como um desenho de Vieira Portuense de dois palmos e meio em lápis vermelho, com moldura preta, avaliado em 4$000 reis.

No inventário de bens datado de 19 de Janeiro de 1769 consta o palácio Cruz Alagoa (fls. 16v-1333r), sendo referido várias pinturas de interesse como um retrato do Rei (naturalmente, o rei D. José I) com moldura ovalada[35], um oratório acharoado de azul e ouro com uma imagem de Nossa Senhora da Arrábida, uma imagem de Nossa Senhora do Monte do Carmo ou uma imagem de São Sebastião, entre outros objectos hagiográficos. Entre as artes decorativas contavam-se móveis, várias cadeiras, tamboretes, uma banca para jogo de cor verde ou "**uma espineta pintada de verde com seis pés do mesmo, avaliada em 19$200 réis**"[36].

Outros objectos elencados são em ouro (gargantilhas, anéis, uma flor para a cabeça, relógios um deles da firma J. L. Bury[37], botões de punho ou fivelas), mais de uma centena de diamantes e pratas, vários relógios da firma Bertie, um biombo da China, uma cafeteira, duas escarradeiras, um estojo do conceituado autor Jonh Ellicott[38], dois carrinhos de bebé ou louças da Índia. Mas o que se salientou foi, no âmbito desta investigação, "**um cravo de martelinhos, pintado de verde, avaliado em 120$000 reis com que se sabe**"[39] (fl. 44v). Infelizmente nada mais é dito: Qual o material usado na sua estrutura? Quantas oitavas? Qual a firma? Como era a decoração?

Na oitava casa, em específico, é referido que no quarto havia "uma caixa com seu **órgão** dentro avaliado em mil e seis reis"[40], preço muito reduzido para um instrumento musical podendo tratar-se de algo em mau estado ou mal avaliado. Vejamos outro exemplo.

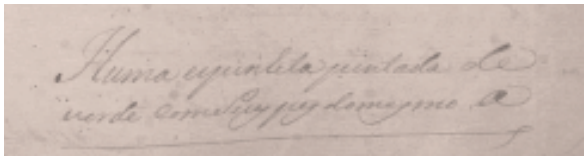


Fig. 10· ANTT, "Inventário de bens de José Francisco Cruz Alagoa", in *Feitos Findos, Inventário post mortem*, Letra J, mç. 564, nº 1, 1769, fls. 43v e 43r.



Fig. 11· ANTT, "Inventário de bens de José Francisco Cruz Alagoa", in *Feitos findos: inventários post mortem*, Letra J, mç. 564, nº 1, 1769, fl. 44v.

34. ANTT, Inventário de bens de José Francisco Cruz Alagoa, *Feitos findos: inventários post mortem*, Letra J, mç. 564, nº 1, 1769. Deixa como herdeiro universal seu filho varão Joaquim Inácio da Cruz Alagoa. Onde mais tarde vem a residir a Marquesa de Alorna com suas filhas (em 1828-29). *Vide*, também, João de Figueiroa-Rego, "Aqui foi a "Floresta egípcia". Vivências e moradores das casas nobres Cruz Alagoa na antiga rua Direita da Fábrica das Sedas, depois rua da Escola Politécnica, em Lisboa (1757-1967)", in *Cadernos do Arquivo Municipal*, vol. 2, nº 6, 2016.
35. ANTT, Inventário de bens de José Francisco Cruz Alagoa, *Feitos findos: inventários post mortem*, Letra J, mç. 564, nº 1, 1769, fl. 38r.
36. Observando a avaliação dada a outros objetos com o mesmo valor é indicado uma dúzia de tamboretes de nogueira, assentos de damasco encarnado, usados, avaliado em 19$200 réis indicando um valor mediano, pois um tremó com seu bufete por baixo e nele sua pedra de cima, avaliado em 30$000 réis e um canapé de madeira de nogueira, todo entalhado à francesa, assento de rótula com doze cadeiras irmãs avaliado em 60$000 réis.
37. Tratando-se, por certo, de James Lowndes Bury.
38. Firma londrina.
39. ANTT, Inventário de bens de José Francisco Cruz Alagoa, *Feitos findos: inventários post mortem*, Letra J, mç. 564, nº 1, 1769, fl. 44v.
40. Idem, fl. 79r.

A ESPINHETA NO INVENTÁRIO DE BENS *POST MORTEM* DE FRANCISCO NOGUEIRA, DATADO DE 1778

Casado com D. Micaela Arcângela, Francisco Nogueira faleceu a 1 de Março de 1778, em Lisboa, tendo deixado ainda como herdeiros os filhos José Joaquim Nogueira, Feliciana Rita Nogueira, Vitorino António Nogueira, Maria Isabel Nogueira e Ana Tomásia Nogueira[41]. Elencam-se entre os bens materiais que deixou, um cobertor de damasco; uma coberta de chita; lençóis de linho bom; um colchão cheio de lã; uma frigideira em cobre; ou um candeeiro de latão com quatro luzes; entre outros objectos. Quanto ao mobiliário, várias cadeiras de madeira de nogueira; uma papeleira e um leito, ambos de pau-santo; banca de madeira de bordo; baú coberto de couro; mochos de pinho; um espelho com moldura; um painel relativo a Nossa Senhora do Carmo; e uma "**espinhetta**" antiga que o avaliador atribuiu 9$000 reis, podendo ler-se o seguinte: "Hua espinhetta pequena de oitava curta pintada de verde e muito uzada e avaliada em nove mil reis com que se sabe"[42].

Tal como a espineta anterior, e estando avaliada em valores próximos, trata-se de um instrumento de pequena caixa de ressonância e, por certo, já muito usado.

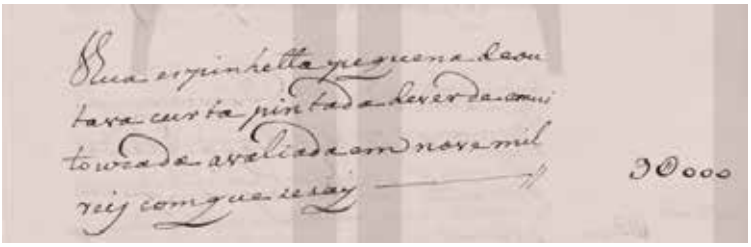


Fig. 12· ANTT, "Inventário de bens de Francisco Nogueira", in *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 48, n.º 12, 1778, fl. 8r.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este levantamento sistemático e nacional de fontes primárias documentais vem sustentar o meu estudo de imagens de música em Portugal, com incidência na pintura e no seu 'modus operandi'. Como vimos, marcam presença nalgumas casas e quanto mais abastada a casa maior a quantidade de objectos — incluindo de instrumentos musicais —, que nomeei por via da transcrição de inventários *post mortem*, com incidência, nalgumas balizas temporais. O inventário pode contar, para além do inventariante (geralmente o/a cônjuge) e do escrivão, com a presença de um avaliador externo como foi o caso de José da Cruz Antunes, que fizera aprendizagem na célebre oficina familiar Antunes. A investigação dá-se por terminada, por ora, mas respostas às questões serão dadas futuramente: Qual a proveniência destes instrumentos? Onde estão todos os retratos dos proprietários destes instrumentos? Onde estão, hoje, esses instrumentos?

41. ANTT, Inventário de bens de Francisco Nogueira, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 48, n.º 12, 1778.
42. ANTT, "Inventário de bens de Francisco Nogueira», in *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 48, n.º 12, 1778, fl. 8r.

REFERÊNCIAS

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra A, mç. 151, n.º 7, cx. 241, 1815.

ANTT, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra D, mç. 68, nº 5, 1795.

ANTT, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra D, mç. 82, n.º 8, 1807.

ANTT, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 33, n.º 8, 1767.

ANTT, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 38, n.º 2, 1809.

ANTT, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 48, n.º 12, 1778.

ANTT, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 52, n.º 8, 1803.

ANTT, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra F, mç. 80, n.º 5, 1758.

ANTT, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra J, mç. 564, nº 1, 1769.

ANTT, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra U e V, mç. 4, n.º 2, 1764.

ANTT, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra U e V, mç. 4, n.º 2, 1764.

ANTT, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra U e V, mç. 4, n.º 3, 1832.

ANTT, *Feitos Findos, Inventários post mortem*, Letra V-Z-3.0, mç. 664, 1818.

ANTT, Ministério do Reino, mç. 785, proc. 7, 1822.

BIBLIOGRAFIA

DUARTE, Sónia – "As salas de música e de baile da residência de D. Gertrudes Espada e de D. João Xavier Potsch, junto à Estrada do Lumiar, na segunda metade do século XVIII". LENCART, Joana Lencart et al. – *Actas do VI Congresso Internacional Casa Nobre: um património para o futuro* [2022]. Casa das Artes: Município de Arcos de Valdevez, 2024b, pp. 844-860.

DUARTE, Sónia – "Iconografia musical na arte portuguesa do tempo de André Soares (1720-69): fontes, modelos e citações". LESSA, Elisa et. al. (org.) – *Paisagens e património: o som, a música e a arquitectura*. Minho: Universidade do Minho, 2022a, 70-85.

DUARTE, Sónia – *Imagens de música na pintura em Portugal (1600-1750)*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2024a, 2 vols. (PhD thesis).

DUARTE, Sónia – "Imagens de Santa Cecília na pintura portuguesa dos séculos XVII e XVIII: inventário, devoção, fontes e modelos, usos e funções". SOUSA, Ana Cristina; ROSAS, Lúcia – *Revista CEM / Cultura, Espaço e Memória*, CITCEM / FLUP, 14 (2022b), 201-226.

DUARTE, Sónia – "'Vivendo de sua fazenda e da arte de pintar': o trabalho de José de Sousa de Carvalho (1741-1795)". *ARTis ON – Revista do Instituto de História da Arte*, 7 (2018), 20-24.

GÉTREAU, Florence – *Voir la Musique*. Paris: Citadelles & Mazenod, 2017.

GÓMEZ, Leticia Ruiz – *Historia de dos pintoras: Sofonisba Anguissola y Lavinia Fontana*. Madrid: Museo Nacional del Prado, 2019.

STERRETT, Edward – "Modes of Address: The Fashion Print as Passe-Partout". *Getty Research Journal*, 9 (2017), 23-38.